

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS PIRES DO RIO
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**OS CAVALEIROS DE CRISTO: Uma Análise da Imagem dos Primeiros Templários
(1120-1129)**

RICARDO RIBEIRO DE ABREU

ORIENTADOR: PROF. DR. BRUNO TADEU SALLES

PIRES DO RIO-GO

2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS DE PIRES DO RIO
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

OS CAVALEIROS DE CRISTO: Uma Análise da Imagem dos Primeiros Templários (1120-
1129)

Monografia apresentada ao Curso de História como um dos pré-requisitos para obtenção de grau em licenciatura Plena em História, sob orientação do Professor Dr. Bruno Tadeu Salles.

RICARDO RIBEIRO DE ABREU

PIRES DO RIO-GO

2014

RICARDO RIBEIRO DE ABREU

**OS CAVALEIROS DE CRISTO: Uma Análise da Imagem dos Primeiros Templários
(1120-1129)**

Monografia submetida à Comissão Examinadora como requisito básico para obtenção do grau
no Curso de Graduação de História

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Bruno Tadeu Salles (Orientador)
UEG/Campus Pires do Rio

Prof^a. Dr^a. Teresinha Maria Duarte (Examinadora)
UFG/Campus Catalão

Prof^a. Ms. Laiane Fernandes Jerônimo (Examinadora)

Resultado: -----

Pires do Rio, ----- de Dezembro de 2014.

Primeiramente a Deus por ter dado força nas horas de dificuldades e as pessoas que amo muito que sempre ajudaram e apoiaram nos momentos que precisei: meu pai, minha mãe, pois sempre apoiaram desde pequeno e minha amada esposa que nos momentos cruciais da minha vida acadêmica sempre esteve ao meu lado e claro aos meus dois filhos que faço tudo por eles na minha vida, inclusive estudar para dar o melhor para eles no futuro. Portanto é através deles que consigo concluir esta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que me guiou nessa caminhada, amparando-me e me colocando de pé quando alguns obstáculos me deixavam no chão. Obrigado Deus por ter me ajudado a chegar até aqui!

Aos meus pais, pois desde criança incentivaram a mim e meu irmão em nossos sonhos, mas especificamente por me ouvirem nos momentos em que estava triste ou desmotivado. Contudo peço também desculpas quando não lhe dei as devidas atenções, ou até quando falava alto com eles, pois sem eles não teria conquistado esse sonho.

Seguindo este principio familiar não posso deixar de citar a mulher que casei durante esse período, a minha amada esposa Paula Mazon Peixoto de Abreu, essa sim tem muita paciência, pois sempre esteve ao meu lado não apenas em momentos cruciais do meu projeto de pesquisa mais por sempre estar ao meu lado nos momentos difíceis que não foram poucos e principalmente por ter dado o melhor presente que já ganhei em minha vida o meu filho Miguel que passou a ser um dos incentivos de terminar essa jornada. Sempre amarei você e obrigado por tudo que tem feito por mim minha amada esposa.

Ao meu parceiro e melhor filho do mundo, o Lucas Cauã Ribeiro de Abreu o meu primeiro filho que crio desde criança e sempre esteve ao meu lado desde os campos de futebol e até mesmo dentro da sala de aula. Muito obrigado meu filho por ser um incentivo para mim nessa conquista. O próximo será você não se esqueça.

Ao meu orientador Professor Doutor Bruno Tadeu Salles que teve muita paciência no decorrer da pesquisa, sendo a pessoa que mais me auxiliou neste trabalho desde o projeto até a sua conclusão.

Não poderia deixar de citar a coordenadora de TCC a Professora Doutora Marilena Julimar Fernandes que também muito me auxiliou em minha pesquisa e por ter me dado grandes conselhos em todo decorrer dos anos letivos que passamos juntos. Conseqüentemente levarei esses conselhos por toda minha vida e por isso sou muito grato.

Queria citar duas pessoas que me ajudaram muito a Professora Doutora Teresinha Duarte e a Professora Mestre Laiane Fernandes Jeronimo que me deram o prazer de aceitar o convite de participarem da Qualificação e que muito contribuíram na ampliação e melhoria quando deram novas ideias para o meu trabalho e depois aceitarem participar da Banca de Defesa, e acompanhar o desfecho desse trabalho.

Aos meus amigos de turma, obrigado por me ouvirem até mesmo quando não deveriam, por rir, chorar e sempre otimistas em relação a tudo. Sempre me lembrarei de vocês!

A todos os professores, que de alguma forma contribuíram para a realização desta pesquisa. Sou grato por ter me ajudado a vencer esta caminhada.

“Ninguém nega o valor da educação e que um bom professor é imprescindível. Mas, ainda que desejem bons professores para seus filhos, poucos pais desejam que seus filhos sejam professores. Isso nos mostra o reconhecimento que o trabalho de educar é duro, difícil e necessário, mas que permitimos que esses profissionais continuem sendo desvalorizados. Apesar de mal remunerados, com baixo prestígio social e responsabilizados pelo fracasso da educação, grande parte resiste e continua apaixonada pelo seu trabalho”. (FREIRE, Paulo).

RESUMO

Este trabalho busca compreender o Imaginário social dos Primeiros Templários e a partir desse pressuposto pretende-se discutir como o conceito de Imaginário ajuda a entender os Templários. Desta forma será debatida a questão de serem monges e Cavaleiros ao mesmo tempo e, dessa forma, enfatizar a presença de uma ideia de Guerra Santa para os mesmos. Discutiremos, primeiramente, a importância das Cruzadas na criação da Ordem dos Cavaleiros Templários. Essas Cruzadas tinham como um dos objetivos recolocarem sob o domínio dos cristãos o Santo Sepulcro que era considerado pelos mesmos um lugar sagrado. Consequentemente, mostraremos quais foram os motivos que deram origem às Cruzadas, as quais ficaram conhecidas como uma operação militar com princípios sacralizados e, por esse motivo, foram consideradas, por alguns autores, como uma guerra sagrada. Em torno de 1099, os cristãos conseguiram entrar vitoriosos em Jerusalém e a consequência da vitória foi que a maioria dos guerreiros voltou para suas casas, o que ocasionou um baixo contingente para a proteção das terras conquistadas. Devido à proteção e a outras dificuldades encontradas, de acordo com Demurger (2001), foi fundada uma confraria com nove guerreiros, no ano de 1120. Seu líder era Hugo de Payns, todos vindos da nobreza francesa, mas somente foram reconhecidos no ano de 1129, durante o Concílio de Troyes. Essa confraria ficou conhecida como Ordem dos Cavaleiros Templários. Esses Cavaleiros realizavam votos monásticos, no entanto, poderiam matar em favor do Cristianismo. A Ordem se desenvolveu rapidamente. Dessa, forma conseguiram terras e, posteriormente, muitas riquezas, tanto que passaram a fazer empréstimos até mesmo para os reis.

Palavras chave: Cavaleiros Templários. Cruzadas. Imaginário. Regra Primitiva.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ELEMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM IMAGINÁRIO: As Cruzadas.....	12
1.1 Formação da Ideia de Cruzada no Ocidente Cristão.....	13
1.2 Visões Historiográficas das Cruzadas Segundo Jean Flori	16
2 OS CAVALEIROS TEMPLÁRIOS	19
2.1 Discursos Sobre a Origem dos Templários	21
2.2 Ligações dos Primeiros Templários com os Cônegos do Santo Sepulcro.....	23
2.3 São Bernardo	25
2.4 A Carta de Hugo Peccator	26
2.5 A Regra Primitiva.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
LISTA DE FONTE.....	34
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa compreender as bases do Imaginário dos primeiros Cavaleiros Templários que foram construídas entre os anos de 1120 e 1129. Utilizaremos o conceito de Imaginário e buscaremos discutir como esse conceito ajuda a entender os Cavaleiros Templários. A escolha deste tema se deu, porque, o Período Medieval, desde criança, despertou-me muito meu interesse e, com o passar dos anos, esse interesse só aumentou. Contudo o fato principal de escolher esse tema foi ter lido um artigo do professor Dr. Bruno Tadeu Salles que continha a tradução da carta escrita por Hugo Peccator para os Templários. Desde então, descobri que esses Cavaleiros passavam por grandes perturbações, e que essa carta foi escrita para amenizar este fato.

Contudo, fui desafiado por mim e pelo referido professor Dr. Bruno que se tornou meu orientador a trabalhar o Imaginário. Entender a construção do Imaginário templário é uma tarefa muito complexa. Desta forma, teremos que compreender como tudo começou. Com o advento da Escola dos Annales, no início do século XX, a História deixava de ser especificamente voltada para os grandes homens. Desta maneira, passou a estudar todas as classes sociais e grupos. Além disso, propunha abordar aspectos ligados às mentalidades.

Com essa nova maneira de compreender a História, deixando de lado o compromisso exclusivamente com a narrativa de fatos políticos, surge o estudo do Imaginário. Conseqüentemente, será abordado, no decorrer dessa pesquisa, o que é Imaginário, e de que maneira o conceito ajuda a entender os Cavaleiros Templários. Desta forma serão debatidos os componentes da construção do Imaginário, que, neste caso, se direciona a construção da imagem de Guerreiros-Monges na Idade Média e suas bases postas na ideia de Cruzada. É possível concordar com Georges Duby (1976) que o Imaginário se refere a um conjunto de imagens acerca do real que encaminha a conduta dos sujeitos históricos: “não é em função de sua condição verdadeira, mas da imagem que é formada e que nunca fornece um reflexo fiel, que os homens pautam a sua conduta.” (DUBY, 1976, p. 130-131).

O recorte temporal pesquisado será entre os séculos XI e XII. Para a realização da pesquisa, serão utilizadas como fonte “A Regra Primitiva do Templo” e a carta de “Hugo Peccator”, a qual está traduzida na revista OPSIS (julho de 2009). Teremos como eixo orientador as seguintes fontes secundárias: o livro de Jean Flori (2013) a respeito das Cruzadas, os dois livros de Alain Demurger “Os Cavaleiros de Cristo” (2002) e os

“Templários: uma Cavalaria Cristã na Idade Média” (2007), e a “História dos Templários” de Osmar Cortes (1993), dentre outros.

O trabalho apresentará dois capítulos. O primeiro mostrará a importância das Cruzadas para a formação do Imaginário dos Cavaleiros Templários. Neste mesmo capítulo, serão apresentadas as ideias de Guerra Santa e de Guerra Justa e algumas visões historiográficas a respeito das Cruzadas. Já, no segundo capítulo, serão apresentadas diversas discussões sobre os Cavaleiros Templários, que segundo Demurger (2007), surgiram como uma confraria com nove guerreiros no ano de 1120, sendo seu líder era Hugo de Payns. Eles tinham o interesse de defender os peregrinos rumo a Terra Santa. No entanto, só foram reconhecidos no ano de 1129, no Concílio de Troyes, pelo Papa Urbano II. O mesmo capítulo discutirá a origem da Ordem Templária e os documentos fundamentais que ajudaram a construir e a defender a sua imagem como monges-Cavaleiros.

1 ELEMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM IMAGINÁRIO: As Cruzadas

Este capítulo visa compreender as bases do Imaginário social dos Primeiros Templários, especificamente a importância das Cruzadas. Dessa forma, compreenderemos a presença de uma ideia de Guerra Santa nesses homens. Para entender melhor esse Imaginário e esse conceito de Guerra Santa, teremos que compreender o que foram as Cruzadas e o que elas representaram na formação dos Cavaleiros Templários, como escreve Jean Flori (2006):

Assim, todas as fontes indagadas revelam a mesma certeza: a Cruzada foi pregada como operação militar de reconquista dos lugares santos de Jerusalém, na qualidade de uma Guerra Santa prescrita aos guerreiros em troca da remissão de seus pecados, garantindo aos que dela participassem os mesmos privilégios de uma peregrinação pela simples razão de que também tinha por meta Jerusalém e os lugares santos. (p. 19).

Essas Cruzadas tinham como um dos seus objetivos colocarem de novo sob o domínio dos cristãos o Santo Sepulcro que é um dos locais mais sagrados para o Cristianismo. Pois é lá que se encontra a tumba onde Jesus foi sepultado e esteve até sua ressurreição. Por outro lado, destacamos que Jesus Cristo disse: “Eu, porém, vos digo que não hesitais ao mal, mas, se qualquer te bater na sua face direita, oferece-lhe também a outra” (Mateus 5: 39). Com essas palavras, Cristo pregava a pacificação. Analisando esse contexto, nota-se que a pacificação pregada por Cristo era incompatível com as Cruzadas.

Durante o período aproximadamente de 1.000 anos após a morte de Jesus Cristo, ocorreram grandes mudanças na visão de guerra e paz dos cristãos. A cristianização do Império Romano proporcionou novas ideias para o Cristianismo. Destacamos a ideia de Guerra Justa, pregada, principalmente, por Santo Agostinho e que terá grande influência para a transformação do caráter pacífico para o caráter guerreiro do Cristianismo. De acordo com Demurger (2002):

São ditas justas as guerras que vingam injustiças, quando um povo ou um Estado, a quem a guerra deva ser feita, deixou de punir os erros dos seus ou de restituir aquilo que foi saqueado em meio a essas injustiças. (p.20).

Um marco importante destas mudanças se deu no Concílio de Clermont, no ano de 1095, com o pedido de “Guerra Santa” e posteriormente com a ideologia das “Cruzadas” pelo Papa Urbano II. O estopim se deu com o pedido para os cristãos feito pelo Papa Urbano II

para lutarem em favor de Cristo contra os muçulmanos, o que acabou culminando em uma resposta militar feita pela Europa Cristã contra o crescimento do islamismo que controlava a Terra Santa e o Santo Sepulcro, perdidos para os muçulmanos no ano de 638. Por esse motivo, foi considerada uma Guerra Justa e Santa, pois um dos seus objetivos era defender vários interesses religiosos.

Conseqüentemente para alguns autores, como Jean Flori (2013) existiram outros motivos além do religioso para ocorrência da Guerra Santa, como, por exemplo, interesses econômicos e sociais – os nobres intentavam tomar contato com as riquezas do oriente e se destacar na guerra contra os mouros. Seguindo as ideias de Jean Flori (2013) “as Cruzadas, pelo fato de serem sacralizadas permitiam uma ação violenta a favor da Igreja Cristã ou pelo bem maior dos seguidores de Cristo”. (p. 16)

Seguindo esse princípio de sacralização o próprio Papa não hesitava em usar várias promessas de recompensas espirituais para aqueles Cavaleiros que participassem nas Cruzadas. Como se pode citar que aquele que participassem nas Cruzadas poderiam redimir todos os seus pecados. Desta forma Jean Flori (2013) cita que “Cruzada é uma Guerra Santa que tem a libertação de Jerusalém por objetivo” (p.360), conseqüentemente, após a leitura das citações acima, pode-se concluir que o autor defende a ideia de que as Cruzadas tinham como um dos seus objetivos a retomada da cidade de Jerusalém.

1.1 Formação da Ideia de Cruzada no Ocidente Cristão

Segundo Jean Flori (2013), uma das causas que levou as Cruzadas foram às dificuldades impostas pelos muçulmanos aos peregrinos cristãos. Dessa forma, as Cruzadas tinham o objetivo de libertar a cidade de Jerusalém daqueles considerados infiéis, entre os séculos XI e XII, período este de grande influência e crescimento da Igreja Católica em todo Ocidente.

A ideia da Primeira Cruzada se deu quando o Papa Urbano II pregou a favor da Guerra Santa e da peregrinação armada em Clermont, no ano de 1095. Ainda, seguindo o que levou as Cruzadas, Jean Flori (2013) fala a respeito de outros motivos em relação à Primeira Cruzada, que segundo o próprio autor:

É preciso acrescentar outros caracteres [...] esperança escatológica, expectativas de recompensas materiais ou espirituais, noção de vingança ou de desforra, vestígios de xenofobia ou antijudaísmo, ou mesmo intenção de conversão etc. (p.22).

De forma mais simplificada, e seguindo a ideia de Jean Flori (2006 e 2013), pode-se compreender que existiram vários motivos para ocasionar as Cruzadas, as quais ficaram conhecidas como uma operação militar com princípios sacralizados. Um desses motivos e que, Urbano II usava recompensas religiosas e a libertação do Santo Sepulcro para incentivar não apenas as Cruzadas, pois invocava outro aspecto da expedição que era a peregrinação. Aquelas pessoas que percorriam um caminho em busca de redimir seus pecados eram chamados de peregrinos. Vale lembrar que a peregrinação é anterior às Cruzadas. Contudo após as Cruzadas o crescimento de peregrinos aumentou consideravelmente.

Os peregrinos viajavam com uma marca da cruz e entre eles existiam pessoas bastante influentes e importantes, como Helena mãe do imperador Constantino levou vários objetos sagrados para Constantinopla à nova capital criada pelo filho dela em meados de 330. De acordo com Jean Flori (2006) diz que:

Edifícios religiosos, como o do Santo Sepulcro (de longe o mais famoso), são construídos em Jerusalém e suas imediações com o propósito de honrar e sacralizar tais lugares santos e receber peregrinos [...]. Vai-se até lá por motivos ao mesmo tempo intelectuais e místicos, para seguir os passos de Cristo em seu ministério terreno, para encontrar uma atmosfera de espiritualidade, para reter na memória os fatos mencionados nos textos bíblicos e evangélicos. [...] A voga da peregrinação aumenta então, nascida desta aspiração espiritual. [...] A partir do século VII ela está bem estabelecida, e não se interrompe com a conquista de Jerusalém em 638. (p.08 - 09).

Já no século XI, várias outras pessoas importantes participaram das peregrinações como Fulco, conde de Anjou (1002 e 1039), que se dirigiram para Jerusalém três vezes. Pode-se mencionar, também, Roberto da Normandia, o Magnífico (1035), e Ricardo, abade de Saint-Vanne de Verdun (1026), Guilherme Taillefer (1026), conde de Angoulême, e Eudes de déols (1026), dentre outros. Observa-se que a peregrinação é bem anterior as Cruzadas e que foi crescendo através do tempo e nem mesmo com a perda da cidade de Jerusalém para os muçulmanos fez acabar com a peregrinação, pois era autorizada a entrada de peregrinos pelos muçulmanos. Contudo esses peregrinos deveriam pagar uma taxa.

De acordo com Jean Flori (2006), a partir de 638, a peregrinação aumentou ainda mais, pois Carlos Magno obteve autorização do califa Harun Al-Rachid de construir edifícios religiosos ou de hospedagem e, assim, passando a considerar-se protetor dos lugares santos. Talvez por isso a ideia das Cruzadas viesse paulatinamente à tona. A partir desse momento,

houve uma união da “Guerra Santa” e da “peregrinação”. Nota-se certa semelhança entre os peregrinos e cruzados, pois ambos receberiam benefícios religiosos.

Assim, comparando esta relação entre a formação e os motivos que levaram a formação das Cruzadas, podem-se destacar as ideias de São Bernardo. Nesse sentido, Demurger (2007) diz:

A reflexão de São Bernardo sobre a Guerra Justa encontra-se profundamente enraizada no contexto do início do século XII. A guerra só pode ser um mal menor, que é preciso utilizar o mínimo possível, dependendo do caso. Entre cristãos, ela só é justa se a unidade de Igreja estiver em jogo. Contra os judeus, os hereges e os pagãos, a violência deve ser evitada, pois a verdade não se impõe pela força. (p.41).

Nota-se que Demurger (2007) diz que São Bernardo enfatiza bastante, na primeira metade do século XII, o conceito de Guerra Justa, pois, para São Bernardo, a guerra é aceitável quando os princípios da Igreja Católica são afetados, o que contrariava as palavras de Cristo. Ainda segundo Demurger (2007):

A passagem da Guerra Justa à Guerra Santa parece natural. Mas, na realidade, as coisas são complexas, e se, numa primeira abordagem, pudermos definir a Guerra Santa como a mais justa das guerras, visto que é uma guerra conduzida para a defesa da fé cristã e da Igreja contra seus inimigos externos pagãos, infiéis [...], com efeito, na ideia de Guerra Santa figura um elemento que não se encontra na ideia de Guerra Justa: o de uma recompensa espiritual para aqueles que combatem e a promessa da palma do martírio para aqueles que perecem. (p. 41-42).

Segundo Demurger (2007), os homens do século XII propõem uma ação de inversão, no sentido de que a guerra, mesmo justa, exigia uma penitência, ao passo que a Guerra Santa vale como penitência ou, pelo menos, serve como tal. Partindo das características citadas acima, nota-se que existiram vários argumentos para a construção das Cruzadas. Dentre elas a sacralização das batalhas realizada por uma boa causa (Guerra Santa), a retomada das Terras Santas perdidas há um tempo para os muçulmanos e conseqüentemente a (libertação de Jerusalém).

Portanto, buscando suporte na bibliografia citada anteriormente, pretende-se averiguar, no próximo tópico, as várias linhas de pesquisa a respeito da formação da Cruzada. Conseqüentemente iniciaremos nossa discussão a respeito das visões historiográficas em relação às Cruzadas.

1.2 Visões Historiográficas das Cruzadas Segundo Jean Flori

No decorrer do texto, discorreremos sobre a historiografia apresentada por Jean Flori (2013). Consequentemente certos autores advertem contra uma ideia única sobre o motivo da criação das Cruzadas. Segundo Jean Flori (2013), “na falta de um relato oficial do discurso de Clermont, dispomos de um número bastante grande de documentos autênticos para afirmar que o Papa ali recorria a vários temas mobilizadores”. (p.25). Segundo a citação do autor, nota-se que há uma grande variedade de documentos dizendo o que aconteceu no ano de 1095 em Clermont. Logo existem várias linhas de pensamentos relacionados à formação das Cruzadas, como será debatido a seguir.

Carl Erdman (*apud* FLORI, 2013) diz que a cruzada foi um vasto movimento em favor de uma Guerra Santa ou Guerra Justa, pois a guerra era por um bem maior para Igreja. Contudo, o motivo principal das Cruzadas não era meramente religioso, pois existiam outros fatores que levaram as Cruzadas. A tese de Erdman foi priorizada e utilizada por outros pesquisadores por muitos anos. Contudo com o passar dos tempos foi sofrendo varias críticas. A grande consequência foi que alguns historiadores começaram a discordar dele, consequentemente a formularem novas teses referentes às Cruzadas.

Diferentemente do pensamento de Erdman, o cônego Delaruelle (*apud* FLORI, 2013) escreveu vários artigos durante e após a Segunda grande Guerra, dizendo que no período entre os séculos XI e XII os Papas não hesitaram em sacralizarem os guerreiros que lutavam a favor da Igreja. Por isso, para ele, a cruzada nada mais era que uma continuidade de um processo existente nos séculos anteriores.

Podemos perceber que existiam duas linhas de pensamento. Uma que tinha que acreditava na ideia de descontinuidade, que não acreditava em outros motivos anteriores ao acontecido em Clermont (1095) para a formação de um exército de guerreiros que lutassem a favor da Igreja. Consequentemente colocavam como foco principal para as Cruzadas a reconquista da Terra Santa.

A outra linha de pensamento acreditava em uma continuidade de acontecimentos que levaram às Cruzadas, pois haveria muito mais por trás da criação das Cruzadas do que os fatos religiosos do século XI para a sua formação. Consequentemente para essa linha de pensamento existiam vários outros acontecimentos e fatos como o político, econômico, geográfico dentre outros que se foram se acumulado para a formação da Cruzada no ano de 1095. Flori (2013) situa a concepção dos ideais do Papa Urbano II na citação abaixo:

O pesquisador A.Becher mostra em várias obras exemplares até que ponto a cruzada se inseria perfeitamente na concepção geral de Urbano II. Segundo essa concepção, depois de um longo período de castigo pelos pecados dos cristãos, castigo este manifestado, entre outras coisas, pela opressão da Igreja por parte dos muçulmanos e de outros “inimigos de Deus”, chegara o tempo do restabelecimento, da libertação da Igreja e da reconquista. (p.28-29).

Pode-se notar que o Papa Urbano II tinha o interesse de reconquistar os territórios sagrados para o Cristianismo, perdidos há mais de quatro séculos para os muçulmanos e com isso acabar com a dita repressão dos muçulmanos sobre os cristãos que ali moravam ou peregrinavam. Desta forma nota-se que o Papa Urbano II tinha o interesse de acabar com a repressão dos muçulmanos contra os cristãos que perante a Igreja eram considerados inimigos de Deus e a consequência seria a libertação da Igreja e a reconquista o seu direito de cristão.

O próprio Jean Flori (2013) fala sobre os efeitos das rupturas e das permanências, das descontinuidades e continuidades, entre a sacralização da guerra e o movimento da Primeira Cruzada que teve início em 1095. Portanto Jean Flori trabalha com as duas linhas de pensamento. Concluindo, Jean Flori (2006) diz:

Assim, todas as fontes indagadas revelam a mesma certeza: a Cruzada foi pregada como operação militar de reconquista dos lugares santos de Jerusalém, na qualidade de uma Guerra Santa prescrita aos guerreiros em troca da remissão de seus pecados, garantindo aos que dela participassem os mesmos privilégios de uma peregrinação pela simples razão de que também tinha por meta Jerusalém e os lugares santos. (p.19).

Nelas ele relata as causas, retrata as garantias após a participação desses guerreiros ao se comparar com os peregrinos e qual era o seu dever. Mostrando que os Cavaleiros Templários não eram Cavaleiros comuns, pois eram Cavaleiros que lutavam em nome de Cristo e a favor da Igreja. Seguindo a ideia da formação das Cruzadas, Osmar Cortes (1993) diz:

As Cruzadas foram excursões militares que foram apresentadas na época com objetivos essencialmente religiosos, mas na verdade procuravam estabelecer uma rota comercial segura para o Oriente Médio com bases ocidentais, garantindo o fornecimento dos produtos orientais para um mercado europeu crescente (p.01).

Seguindo a citação acima, pode-se notar que o autor Osmar Cortez (1993) diz que não foram somente por motivos religiosos a ocorrência das Cruzadas e sim vários outros elementos que foram se acumulando com o passar do tempo, até seu auge em 1095. As Cruzadas tinham como principal objetivo a libertação de Jerusalém e os lugares considerados

santos de acordo com a Igreja Católica e que, por isso, os cruzados receberiam todos os privilégios de um peregrino que na maioria das vezes seria a remissão de seus pecados. Já no final da Primeira Cruzada, em 1095, os cristãos recuperaram Jerusalém e a maior parte das "cidades santas" das mãos daqueles considerados infiéis, estabelecendo diversos reinos cristãos na região. Veremos, a seguir, como esse princípio de Guerra Santa se incorporou nos Cavaleiros Templários como veremos a seguir.

2 OS CAVALEIROS TEMPLÁRIOS

Após discorrer sobre os elementos que compõem a formação da ideia de Cruzada, é proposto mostrar a construção de um Imaginário a partir dessa ideia. Será discutido a origem dos Templários, analisando as visões dos cronistas do século XII, como Guilherme Tiro, Ernoul Bernard e Miguel, o Sírio, também conhecido como o Grande ou Jacobita. Será debatido também neste capítulo o pedido de São Bernardo para incentivar os homens a lutarem na Cruzada e a apoiarem os Templários, além do objetivo da Carta de Hugo Peccator para os Templários. Dessa forma, será possível perceber alguns elementos que constituíram a imagem dos Templários naquele momento.

Anos antes da segunda Cruzada (1153), um grande abade cisterciense, conhecido como São Bernardo propôs algumas ideias relevantes. Escrevendo aos Templários por volta de 1127, segundo São Bernardo (*apud* DEMURGER, 2007) afirmava:

O certo é que, morra-se no leito ou na guerra, preciosa será; sem dúvida, aos olhos do Senhor, a morte dos seus santos. Mas na guerra, seguramente, é tanto mais preciosa quanto é a mais gloriosa. Oh!, que vida tranquila, quanto é pura a consciência! Oh, digo, que vida tranquila, quando se espera a morte sem medo, e, bem ao contrário, é ela vivamente desejada com prazer e recebida com devoção. Oh!, Verdadeiramente santa e segura milícia, e, por completo livre do duplo perigo que ao gênero humano, amiúde, pôr à prova, quando Cristo não é o único motivo de se milita. De facto, todas as vezes que tu, combatendo, o faças na milícia profana, debes temer inteiramente ou que te mates deveras na alma com matar o inimigo no corpo, ou que sejas acaso morto por ele, há um tempo, no corpo e na alma. Considera-se um facto que o perigo ou a vitória do cristão não reside no evento guerreiro, mas nas disposições do coração. (p.03-04).

Seguindo a citação acima, nota-se que São Bernardo constituiu o Imaginário desses guerreiros, induzindo a formarem uma Ordem militar para a defesa do Cristianismo e que a grande consequência foi à formação das Cruzadas e posteriormente a formação dos Cavaleiros Templários. Desta forma Morás (2001), de maneira próxima a de Duby (1976), diz que:

Todas as sociedades humanas são, de certo modo, sociedades imaginadas, porque dependem de criações fictícias para justificar os aspectos ontológicos e normativos de sua constituição. É exatamente este fictício efetivado no real que permite os indivíduos, grupos e segmentos sociais moverem-se no social e natural ao qual estão integrados. (p. 21).

Consequentemente para Morás (2001) o Imaginário se forma através das relações sociais dentro da sociedade para construir um fato imaginado que acaba se transformando em algo que se acredita ser real. É interessante perceber como os sentimentos e as várias visões do mundo orientam as condutas sociais. Desta forma notam-se algumas características do Imaginário que estava introduzido nas mentes dos participantes das Cruzadas e dos Primeiros Templários. Esse Imaginário permanece e a grande consequência foi o aumento das peregrinações.

E com o aumento do número massivo de peregrinações em direção à região e do enorme sucesso comercial obtido ao se reconquistar as rotas utilizadas por mercadores muçulmanos que iam em direção ao Oriente e com a necessidade de proteger as terras conquistadas, surge à necessidade de formar uma ordem militar que poderia defender os cristãos. A esse respeito Demurger (2002) postula que:

Em 1120, em Jerusalém, em condições ainda mal esclarecidas, foi fundada a primeira ordem religioso-militar medieval, a ordem do Templo. Seus primeiros adeptos se diziam os *pauperescomitiones Christi templiqueSalomonici*, ou seja, os “pobres companheiros de combate de Cristo e do Templo de Salomão”. Obedeciam a um mestre, seguiam uma regra e comprometiam-se a defender os peregrinos ao longo das rotas que levavam a Jerusalém. (p.9).

O autor, em seu texto, deixa clara a importância das primeiras duas Cruzadas para a formação dos Primeiros Templários, após a conquista de Jerusalém, os guerreiros voltaram para suas terras deixando vulneráveis as rotas e, principalmente, a cidade de Jerusalém. Porém, no ano de 1129 foram reconhecidos os primeiros Cavaleiros Templários em um Concílio em Troyes. A Igreja a reconheceu como legítima, autorizando a defesa dos peregrinos que queriam chegar a Terra Santa. Soma-se aos elementos acima mencionados a parte do texto de Demurger (2002) quando esclarece que:

São Bernardo, que tomou parte ativa nesse Concílio, escreveu em sua intenção o De laude nova emilitia e ou Elogio da nova cavalaria, justificando ali a missão daqueles que eram os seus olhos, monges e Cavaleiros ao mesmo tempo. (p.9).

Assim, pode-se afirmar que São Bernardo confirma em seu texto que a Ordem dos Templários, ou Cavaleiros Templários, foi uma confraria monástica-militar criada nas primeiras décadas do século XII, na chamada Terra Santa, com intuito de proteger através de suas armas os peregrinos, viajantes e comerciantes dentre outros que percorriam a rota rumo a Terra Santa. Nota-se também, nesta citação, que esses Cavaleiros eram considerados monges e Cavaleiros ao mesmo tempo.

2.1 Discursos Sobre a Origem dos Templários

Os Templários começaram a existir depois da Primeira Cruzada com o nome “Ordem dos Cavaleiros Pobres do Templo de Salomão”. Demurger (2007) cita três relatos diferentes sobre sua origem. O mais célebre desses relatos é o de Guilherme de Tiro:

Ao longo do mesmo ano, alguns nobres Cavaleiros da ordem equestre, homens devotos a Deus e animados por sentimentos religiosos, consagraram-se ao serviço de Cristo e professaram entre as mãos do patriarca viver para sempre segundo o costume dos cônegos regulares, na castidade, na obediência e sem bens próprios. Os primeiros e mais distintos deles foram dois homens veneráveis, Hugo de Payens e Godofredo de Saint-Omer. Como não tinham nem Igreja nem domicílio determinado, o rei lhes concedeu por certo tempo um alojamento em seu palácio, situado ao lado do Templo do Senhor [*Templum Domini*], a Cúpula da Rocha, no sul. Os cônegos [trata-se dos cônegos do *Templum Domini*, e não do Santo Sepulcro] também lhes concederam o local que lhes pertencia, no caminho do palácio, para seus exercícios, sob certas condições. (p.21-22).

De acordo com a citação acima, nota-se que Demurger (2007) trata dos nobres Cavaleiros que deram início a Ordem dos Templários. Eles faziam votos monásticos e acreditavam no que era dito para eles pelo Papado, como as recompensas espirituais. Guilherme, arcebispo da cidade de Tiro, não conheceu os Primeiros Templários, escrevendo sua crônica cerca de cinquenta anos após os feitos narrados. Por um pedido do rei de Jerusalém, Amaury, ele escreveu um livro por volta de 1170 com o título “*Historia rerum in partibus transmarinis gestarum*”. Neste livro, ele conta a História dos Templários. Portanto, nota-se através das datas que Guilherme de Tiro não conheceu a origem dos Primeiros Templários e nem suas dificuldades.

Seguindo os mesmos passos de Guilherme de Tiro, o cronista Jacques de Vitry conta praticamente os mesmos acontecimentos sobre a origem dos Templários em sua obra com o nome “*Historia orientalis seu Hierosolymitana*” que foi escrita no século XIII. Jacques de Vitry (*apud* DEMURGER, 2007) diz que:

Alguns Cavaleiros, amados por Deus e ordenados a seu serviço, renunciaram ao mundo e se consagraram a Cristo. Por votos solenes, pronunciados diante do patriarca de Jerusalém, engajaram-se em defender os peregrinos contra os salteadores e ladrões, em proteger os caminhos e servir de cavalaria ao Soberano Rei. Observa a pobreza, a castidade, a obediência, segundo a regra dos cônegos regulares. Seus chefes eram dois homens veneráveis, Hugo de Payens e Godofredo de Saint-Omer. No início, apenas nove tomaram decisão tão santa e, durante nove anos, serviram em hábitos seculares e vestiram-se com o que os fiéis lhes davam de

esmola [...]. E porque não tinham Igreja nem habitação que lhes pertencesse, o rei os alojou em seu palácio, próximo do Templo do Senhor. O abade e os cônegos regulares do Templo do Senhor lhes deram, para as necessidades de seu serviço, um terreno não distante do palácio, e, por essa razão, mais tarde foram chamados de “Templários”. (p. 22-23).

Nota-se, a partir da leitura de Demurger (2007), que o cronista Jacques de Vitry seguiu os mesmos princípios de Guilherme de Tiro que dizia. Os Templários foram formados primeiramente por dois nobres Cavaleiros que todos fizeram votos monásticos e obedeciam à Igreja. Diferentemente das ideias do surgimento dos Templários um terceiro cronista chamado Ernoul diz no livro de Demurger (2007):

Quando os cristãos conquistaram Jerusalém, muitos Cavaleiros dirigiram-se ao Templo do Sepulcro, e muitos chegaram depois, vindos de todas as terras. E obedeciam aos priores do Sepulcro. Havia bons Cavaleiros donatos¹, que tornavam conselho entre si, dizendo: “Abandonamos nossas terras e nossos amigos e para cá viemos pela Lei de Deus, para elevá-lo e exaltá-lo”. Se estamos aqui detidos para beber, para comer e para gastar, sem trabalhar, nem fazer nada, nem pegar em armas, é porque obedecemos a um sacerdote. Tomamos conselho e tornamos mestre a um de nós, com a permissão de nosso prior, que nos conduzirá em batalha quando a hora chegar. Naquele tempo, o rei era [Balduíno II]. Dirijam-se a ele e lhe disseram: “Senhor, por Deus, aconselhai-nos, pois, assim ordenados, pensamos em fazer mestre a um de nós para que nos conduza em batalha e assegure a terra”. O rei ficou muito contente e disse que de bom grado os aconselharia e ajudaria. Então o rei mandou o patriarca, os arcebispos, os bispos e os barões da terra para dar conselho. Lá reunindo o Conselho, eles todos acordaram o que deveria ser feito [...]. E fizeram tanto, o rei e seus conselheiros, pelos priores do Sepulcro, que os quitaram de obediência. (p.23).

De acordo com a citação acima, nota-se que Ernoul também relata a respeito da origem dos Templários. Contudo, observa-se também que sua crônica é uma continuação da crônica de Guilherme de Tiro. No entanto, se difere da ideologia de Tiro, pois destaca que a origem dos Templários tenha sido uma iniciativa dos próprios Cavaleiros e não a partir de conselhos dos homens da Igreja.

E, por fim, um cronista chamado o “Jacobita” escreveu uma crônica no século XII a respeito dos primórdios dos Primeiros Templários, como foi descrito no texto de Demurger (2007):

No começo do reino Balduíno II, um franco veio de Roma para rezar em Jerusalém. Ele havia feito voto de não mais retornar à sua terra, mas de se tornar monge, depois de ajudar o rei na guerra durante três anos, ele e os trinta Cavaleiros que o

¹ Laicos que trabalhavam para a Ordem do Templo e recebiam a mesma proteção conferida aos Templários. Recebiam esse nome porque, ao entrarem para a Ordem, juravam “doar” corpo e alma, além de seus bens materiais e sua honra, a Deus e à milícia do Templo. (N.A).

acompanhavam, decidiram terminar suas vidas em Jerusalém. Quando o rei de Jerusalém e os homens de sua confiança viram que eles se tornaram ilustres na guerra e que tinham sido úteis à cidade por seu serviço naqueles três anos, aconselharam esse homem a servir na milícia (cavalaria) com aqueles que se haviam unido a ele, em vez de ser tornar monge com o intuito de trabalhar para salvar apenas sua alma, e a guardar aqueles locais contra os ladrões. Ora, esse homem, cujo nome era Houg de Payn aceitou o conselho. Os trinta Cavaleiros que o acompanhavam reuniram-se a ele. O rei lhes deu a casa de Salomão como habitação. (p.24-25).

De acordo com Demurger (2007), a sequência da crônica deixa perceber que o próprio Jacobita teve em mãos a regra do Templo, pois há possíveis menções aos fatos descritos na Regra Primitiva. Esta regra foi redigida no ano de 1129, no Concílio de Troyes. A partir do estudo destas crônicas, é possível ver os seguintes aspectos que são considerados por Demurger (2007):

- _ A Ordem nasceu da vontade de alguns Cavaleiros, estabelecidos em Jerusalém, de renunciar o mundo. Seu comportamento é religioso.
- _ A iniciativa cabe a dois homens, dos quais um, Hugo de Payns, torna-se o primeiro mestre da nova cavalaria.
- _ Sua criação correspondia inteiramente aos desejos das autoridades religiosas e laicas do reino de Jerusalém.
- _ Os homens que assim se engajaram estavam ligados aos cônegos do Santo Sepulcro; a Ordem nasceu de uma ruptura – amigável – com esses cônegos. (p. 25).

Portanto, pode-se perceber que os primeiros Templários foram Cavaleiros que vieram a Jerusalém após Primeira Cruzada. Esses Cavaleiros, após tomarem a cidade de Jerusalém, decidem ficar e proteger a cidade e seus visitantes. Esses Cavaleiros representavam o poder militar da Igreja Católica e defendiam os seus interesses. Eles tinham também uma grande ligação com os cônegos do Santo Sepulcro, pois se acredita que os Templários deixaram de servir os cônegos do Santo Sepulcro para formarem a Ordem dos Cavaleiros Templários. Conseqüentemente será debatida no próximo tópico essa ligação dos Primeiros Templários com esses cônegos do Santo Sepulcro.

2.2 Ligações dos Primeiros Templários com os Cônegos do Santo Sepulcro

Bem antes das Cruzadas, na Palestina, tinha sido aberto um hospital beneditino com auxílio de comerciantes italianos ricos para ajudar quem estivesse de passagem. Conseqüentemente com o êxito da Cruzada elevou consideravelmente as atividades do hospital que com o passar do tempo cresce tanto que deixa a ordem Beneditina.

Especificamente, no ano de 1113 foi aberto um hospital independente com o nome de “Hospital de São João de Jerusalém”, que rapidamente se tornaria a matriz de vários hospitais e casas destinadas a ação de caridade em todo o ocidente e principalmente nos caminhos das consideradas terras santa.

Neste caso Demurger (2007), faz um pergunta: “Mas será que nas rotas seguidas pelos peregrinos a ação de caridade era acompanhada por uma proteção militar?” (p. 30). Sendo assim, deixa a perceber que existiu um processo de militarização desses hospitais. Podemos assim perceber no texto do próprio Demurger (2007) quando cita:

É mais provável _ e a esse respeito remeto á “pré-história” do aos cónegos do Santo Sepulcro; e foram esses Cavaleiros que, num determinado momento, libertou-se da tutela dos cónegos para formar a Ordem do Templo. Entre eles, um cavaleiro da província de Champagne, que se tornará o primeiro mestre dessa nova ordem, Hugo de Payns. (p. 30),

A partir da citação acima, podemos observar que, desde antes da formação do Templo, já existia ligação entre Cavaleiros e os cónegos que pertenciam ao Hospital de São João de Jerusalém. No entanto, no ano de 1113, o Hospital se torna independente. Posteriormente, um ano depois, os cónegos do Santo Sepulcro começam a seguir as regra do Santo Agostinho. Conseqüentemente, esses Cavaleiros se tornaram dependentes dos cónegos na área espiritual e ficaram dependentes dos hospitalários para sua alimentação. Contudo, com o passar do tempo, esta situação de dependências ficava cada vez mais insuportável para eles.

Seguindo a ideia de independência, o cavaleiro Hugo de Payns, no ano de 1115, juntou mais nove Cavaleiros, segundo Demurger (2007) e, no ano de 1120, formaram uma Ordem militar independente dos cónegos ou dos hospitalários aos quais deveriam satisfação. Portanto, segundo Demurger (2007), os Templários, que eram ligados aos cónegos e hospitalários, com o passar do tempo, se separam e formam uma nova Ordem militar. Contudo, os cronistas “Guilherme de tiro, Jacques de Vitry, Ernoul ou Miguel, o Sírio” (p. 21-25) nos deixam claro o motivo dessa separação: insatisfação com o serviço prestado aos cónegos, aparentemente sem atividades militares.

Não foi muito difícil Hugo de Payens encontrar aliados para que houvesse um crescimento da cavalaria, pois sabia convencer os reis e os patriarcas. Ele obteve também o consentimento dos cónegos e, além do mais, o contexto político da cidade de Jerusalém favorecia a Hugo e seus seguidores. Posteriormente, no dia 13 de janeiro de 1129, em um Concílio realizado na cidade de Troyes, atual França, com a presença de São Bernardo e dos principais abades cistercienses da época, ocorre à legitimação pelo Papado da Ordem do

Templo. O Concílio de Troyes, no texto do pesquisador Demurger (2007), parece ter sido muito importante, pois lá estavam várias pessoas importantes da cristandade onde o principal e mais influente era São Bernardo que, para alguns pesquisadores, foi aquele que escreveu a regra a ser seguida por aqueles Cavaleiros.

2.3 São Bernardo

Segundo São Bernardo (*apud* DEMURGER, 2007) a Guerra Santa era um ato de salvação para os seus seguidores. O próprio São Bernardo escreve:

Ao matar um malfeitor, ele não se comporta como um homicida, mas, se assim posso dizer, como “malícia”. É considerado um “justiceiro de Cristo em relação àqueles que fazem o mal” e um defensor dos cristãos. Ele próprio se expõe à morte; sabemos que, a esse respeito, ele não foi ao encontro de sua perda, mas alcançou seu objetivo. A morte que ele inflige é, portanto, um ganho para Cristo, e aquela que ele recebe, um ganho para ele mesmo. (p.43)

Observe-se nesta citação que São Bernardo dava forma ao Imaginário desses guerreiros monges. No entanto esse trabalho era bem anterior aos Templários. O que aconteceu foi que São Bernardo utilizava a ideia de Guerra Santa e Guerra Justa de Santo Agostinho que tinha uma representação de muito importante para a época. Santo Agostinho (*apud* DEMURGER, 2007) afirma que:

Devemos desejar a paz e só fazer guerra por necessidade, pois não se busca a paz para preparar a guerra, mas se faz a guerra para obter a paz. Sede, portanto, pacífico, mesmo ao combater, a fim de levar, pela vitória, aqueles que combateis à facilidade da paz. (p.43)

Observa-se que Santo Agostinho aconselhava a todos a procurarem a paz uns com os outros. No entanto, aconselhava a guerra para chegar à paz. Àqueles que lutassem receberia a recompensa de Cristo. Portanto, pode-se concluir que São Bernardo, muito tempo depois, se apropriou desta ideia e utilizou para trabalhar na construção do Imaginário das pessoas a lutarem a favor da Igreja em uma Guerra Santa, pois somente através desta batalha poderiam chegar à paz. Consequentemente, sabendo a influencia de São Bernardo perante a sociedade Hugo de Payns procura-o para produzir um documento para animar os Cavaleiros a

continuarem lutando a favor do Cristianismo. Pode-se observar no texto de São Bernardo (*apud* DEMURGER 2007) que:

Uma, duas e até três vezes, salvo algum erro, meu caríssimo Hugo, solicitaste de minha parte um escrito de exortação para ti e teus companheiros de armas [...], pois me afirmaste que eu vos seria de real auxílio, encorajando-vos por um texto. (p.65).

A partir da citação acima, observa-se que houve um pedido insistente pelo primeiro Mestre dos Templários Hugo de Payns para que São Bernardo escrevesse um tratado que incentivasse aqueles Cavaleiros que decidiram defender os peregrinos cristãos no caminho da Terra Santa. Portanto, foi escrito um tratado por São Bernardo para animar os Primeiros Templários que tinham ficado na Terra Santa. Seu líder Hugo de Payens estava viajando para conseguir apoio para a aprovação da Ordem pelo Papado. Hugo sabia as dificuldades que aqueles Cavaleiros estavam passando.

2.4 A Carta de Hugo Peccator

De acordo com Salles (2009), a carta de Hugo Peccator foi escrita para os Primeiros Templários com o intuito de incentivar esses Cavaleiros, pois naquele momento, o apoio ou entusiasmo desses Cavaleiros estava em baixa. Contudo, segundo Salles (2009) “assim como Demurger e Leclercq, sugerimos que Hugo Peccator e Hugo de Payns sejam as mesmas pessoas.” (p.179). No entanto, mais recentemente, surgiu um artigo que afirma o contrário. O autor diz que Hugo Peccator e Hugo de Payns não foram à mesma pessoa. A autoria da carta, de acordo com Poirel (2012) foi atribuída ao abade Hugo de Saint-Victor, dentre outras coisas, a partir da comparação entre a carta do Peccator e as outras cartas do abade de Saint-Victor. Apesar dessa nova informação, a carta do Peccator, comparada com os trechos citados por São Bernardo, deixa entender uma necessidade dos Primeiros Templários em conseguir incentivo e apoio em sua tarefa de luta contra os muçulmanos.

A carta fala a respeito das dúvidas e inquietudes dos Primeiros Templários e citava ainda que essa dúvida era motivada e tinha a responsabilidade do diabo, pois, segundo a própria carta, o diabo colocava na mente daqueles Cavaleiros que não o seu caminho não era o certo e que não levaria a salvação. Contudo, Hugo escreve a carta e com isso procura defender o ofício militar, se remetendo, novamente, ao Imaginário constituído pela ideia das

Cruzadas. Seu principal intuito era precaver os Primeiros Templários das tentações do diabo: pedir para os Cavaleiros largarem as armas, que não fossem à guerra, murmurar contra a vontade de Deus, abandono de seus votos de castidade e obediência e outras coisas.

Dessa forma, a carta foi escrita para mostrar de que forma eles deveriam conduzir suas vidas contra as tentações. Para aceitarem melhor os conselhos sugeridos na carta, Hugo utiliza várias partes da bíblia cristã para construir a carta. Nota-se na carta que Hugo utilizou partes das epístolas de São Paulo para deixar mais marcante suas teses e sempre enfatizando as recompensas para aqueles que trabalhassem para Deus, neste caso os Cavaleiros Templários. Ele exortava as garantias espirituais ao se combater em nome de Cristo, contrariando, assim, a vontade do diabo, que nada mais era de desviar os Cavaleiros de todas as suas responsabilidades do dia a dia.

Como já foi mencionado, Hugo utilizou a Bíblia para textualizar sua carta para os Primeiros Templários. Seguindo essa análise Salles (2009) diz que:

A Bíblia contribuiu para a construção de um Imaginário militar alicerçando seu caráter legítimo na humildade e na utilidade dos Cavaleiros Templários. Um Imaginário militar definido como um conjunto de imagens e representações que tinham definido como um conjunto de imagens e representações que tinham um significado específica para os *milites* Templários e que lhes fornecia, no desenrolar de suas interações, uma interpretação ou um “quadro” de sua realidade. (p.180).

Para melhor explicar a importância desses Cavaleiros para sociedade, Hugo utiliza trechos das cartas de São Paulo [1Coríntios. 12,15], ao se comparar a sociedade com o corpo humano. Desta forma, ele mostra o valor de cada parte, citando como exemplo o valor do pé que toca o chão, mas que suporta o corpo.

Seguindo esse pressuposto, todos têm o seu valor e, por isso, Hugo Peccator mostrava que se não fossem os Cavaleiros, todos os cristãos estariam em perigo, pois estariam expostos às violências dos considerados infiéis. Portanto, dessa forma Hugo queria enfatizar o valor dos Cavaleiros para a sociedade e aos Cavaleiros mostrar que deveriam ter humildade, pois até o pé que toca o chão e de grande importância para o corpo.

Dessa forma, Hugo queria introduzir na mentalidade dos Cavaleiros que todos exercem um trabalho simples na sociedade. No entanto estes trabalhos são indispensáveis para a defesa do Cristianismo. Contudo, existiam pessoas que Hugo Peccator dizia que tomavam a figura do “diabo”, que enviavam tentavam desestimular os Cavaleiros a guerrearem contra os considerados infiéis. Assim, Salles (2009) escreve:

Guido escreve a Hugo de Payns que ele não poderia ter a pretensão de dominar os inimigos externos se ainda não havia dominado os inimigos internos, ou seja, se ele não vencera seus defeitos pessoais e seus vícios, como poderia lutar contra os muçulmanos? (p. 182).

Diferentemente da carta de Hugo Peccator, o monge Guido, escreve tentando introduzir na mentalidade dos Cavaleiros que não poderiam lutar contra os muçulmanos sem antes derrotarem o inimigo que estava dentro de cada um. Portanto Guido vai contra as ideias propostas na carta de Hugo Peccator. Seguindo o princípio do Peccator, voltamos a falar de São Bernardo (*apud* DEMURGER, 2007) escreve:

Avançai sem hesitar, Cavaleiros, e, com o coração intrépido, fazei recuar “os inimigos da cruz de Cristo” (Filemon 3, 17); sabeis muito bem: “Nem a morte nem a vida poderão separar-vos do amor de Deus, que está em Jesus Cristo” (Romanos 8,38) [...]”. Alegria-te, corajoso atleta, se continuares vivo e venceres no Senhor. Mas exulta ainda mais, de alegria e de glória, se encontrares a morte e assim te unires ao Senhor [I, p.53]. p.68.

Seguindo a citação acima, nota-se que São Bernardo utiliza como Hugo Peccator, algumas partes da Bíblia para introduzir no Imaginário dos Cavaleiros a utilidade das armas para defenderem a terra do Senhor e tornar seguros os caminhos que conduzem a cidade de Jerusalém. O tratado de Bernardo e a carta do Peccator foram redigidos na viagem do primeiro mestre da Ordem, Hugo de Payns, a Europa e tinham como objetivo comum o apoio para as atividades da Ordem. Conseqüentemente, Hugo de Payns consegue, no dia 13 de janeiro de 1129, a legitimação da Ordem do Templo. Contudo ainda faltava uma Regra que pudesse normatizar o funcionamento da Ordem e definitivamente eliminar as dúvidas sobre as suas atividades, afirmando o Imaginário da Guerra Santa e sua encarnação na Ordem do Templo. Essa Regra será debatida no tópico seguinte.

2.5 A Regra Primitiva

No ano de 1129, Mestre Hugo de Payens conseguiu o reconhecimento da Ordem. No entanto, ainda deveria aprovar uma Regra a ser seguida por todos os Cavaleiros Templários. Contudo a Regra não foi aprovada de imediato, pois houve modificações realizadas pelo Concílio, pelo patriarca de Jerusalém e do próprio Papado. Como pode ser observada na citação feita por Demurger (2007):

E por comum capítulo ouvimos da boca do presente, dito mestre, irmão Hugo de Payns, o modo e o estabelecimento da Ordem da Cavalaria; e, por conhecermos a pequenez da nossa consciência, aprovamos o que nos pareceu bom e benéfico, e rejeitamos o que nos pareceu sem razão. (p.102).

De acordo com a citação acima, a Regra Primitiva foi aprovada. A Regra tinha como princípio o esboço feito pelo Mestre Hugo de Payns durante a sua viagem. Referente ao seu autor, Demurger (2007) diz que:

Muitas vezes se escreveu que São Bernardo havia composto a regra do Templo. Isso não corresponde à realidade: diz-se no prólogo da regra que a tarefa de colocar por escrito os artigos da regra, elaborou a partir de proposições de Hugo de Payns e corrigidos pelos padres do Concílio, de fato lhe fora confiada, mas que ele a delegara a um clérigo, João Miguel, provavelmente oriundo do Ambiente do legado. (p.71).

Seguindo essa ideia, pode-se observar que Hugo de Payns foi quem começou a escrever a Regra Primitiva. No entanto ela não foi aprovada imediatamente, ela foi modificada com interesses da Igreja Católica e que a mesma incumbiu Jean Michel a escrevê-la sob as ordens do Concílio e de Bernardo de Claraval. Seguindo esse pressuposto, Gandra (1998) diz que o artigo quinto da própria regra afirma que: “Eu, Jean Michel, pela graça de Deus, mereci ser o humilde redator da presente Regra, por determinação do Concílio e do venerável padre Bernardo, abade de Claraval, a quem essa divina tarefa foi cometida.” (p.2). Dessa forma, fica claro que, até a criação da Regra, foram feitas várias modificações do primeiro texto entregue por Hugo e que, por isso, várias pessoas, dentre elas Hugo de Payns e São Bernardo foram responsáveis pela criação da Regra Primitiva.

Essas modificações duraram aproximadamente um ano, até serem aprovadas na forma de 76 artigos. Essa demora demonstra a grande dificuldade de construir um modelo de Regra que coubesse na vida cotidiana dos Cavaleiros Templários, pois eram considerados monges guerreiros, algo inovador para o século XII. Segundo Demurger (2007), no ano de 1136 morreu o primeiro Mestre dos Templários Hugo de Payns com a morte, Roberto de Craon foi eleito o novo Mestre da Ordem. O grande feito dele foi à tradução da Regra que estava escrito em Latim para a língua francesa.

Desta forma, após a tradução do latim para a língua francesa, não houve mudanças no texto. Porém, foram introduzidos vários outros artigos. Esses novos artigos foram agrupados e receberam o nome de retrais. Esses artigos conhecidos como retrais eram marcados por características militares, por isso, formam os estatutos que hierarquizavam a Ordem dos

Cavaleiros desde o Mestre até os irmãos servidores. Seguindo esse princípio dos monges guerreiros, a Regra solidificava o Imaginário dos Cavaleiros, sempre enfatizando o seu serviço divino, mas sem deixar de lado a responsabilidade que cada um tinha dentro da ordem.

De acordo com os temas discutidos anteriormente, a Regra tinha sido aprovada de acordo com os interesses da Igreja Católica. Segundo Demurger (2007) o seu título era *Regula "pauperum commilitonum Christi Templiquesalomonici, [...] Regra dos pobres companheiros de armas de Cristo e do Templo de Salomão."* (p.91) Nota-se que o próprio título começa a trabalhar com a imagem daqueles Cavaleiros diante de toda a sociedade. Assim, pode-se observar que os líderes católicos na época queriam induzir no Imaginário de toda a sociedade do século XII uma imagem dos Cavaleiros Templários que seriam diferentes dos demais Cavaleiros, pois o próprio nome da cavalaria diz que são "os Pobres Cavaleiros de Cristo". (DEMURGER, 2007, p.91).

Seguindo essa ideia, os Cavaleiros de Cristo eram levados a serem imaginados na sociedade como heróis, pois eram aqueles que ajudavam os pobres, defendiam os peregrinos em suas viagens, doavam seus bens, faziam votos de castidade e pobreza e abandonavam suas famílias para defenderem interesses do Cristianismo. Portanto, com o surgimento dos Cavaleiros Templários, a partir da ideia de Guerra Santa, surge uma nova representação de um monge-cavaleiro.

Dessa forma, surge a Regra Primitiva, essa regra nada mais era que as leis que todos os Cavaleiros Templários deviam seguir sem que houvesse nenhuma discordância por eles. Esses Cavaleiros deveriam deixar de lado seus interesses para defenderem os interesses da Igreja. Entretanto, essa fusão entre monges e Cavaleiros produziu um grande choque na sociedade da época. Os próprios Cavaleiros como foram visto, sofriam uma crise de consciência, pois ao mesmo tempo em que eram homens devotos ao Cristianismo, também lutavam e conseqüentemente derramavam sangue dos considerados infiéis. Portanto com o surgimento dos Cavaleiros Templários surge uma nova imagem de cavaleiro, pois esses eram Cavaleiros e, ao mesmo tempo, de monges, pois faziam votos monásticos. Esses Cavaleiros viviam sob a "Regra Primitiva", a qual era específica para Ordem.

A Regra tinha como uma das suas funções estabelecer uma estrutura hierárquica para todos dentro da ordem. Esse aspecto demonstra uma grande organização de seu poder militar. Essa organização tinha como objetivo de manter a eficiência da ordem nas defesas de seus territórios e dos interesses da Igreja. Ela abrange todos os ensinamentos que os Cavaleiros deviam seguir, como: a maneira pela qual os irmãos deveriam ser recebidos, sobre o não

receber crianças, sobre os Cavaleiros excomungados, sobre as roupas dos irmãos, sobre as leituras bíblicas, a ingestão de carne, as refeições durante a semana, os agradecimentos, sobre a vida comunitária, o manter a paz, as doações, os irmãos mais velhos, os doentes e os feridos, sobre os irmãos casados e até sobre as festas que deveriam ser observadas nas casas do Templo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conseqüentemente, nota-se que a Regra, assim como os escritos de São Bernardo e a carta do Peccator, foi de grande importância não apenas para o crescimento acelerado da ordem, mas também na construção de seu Imaginário e na orientação de suas ações. Portanto, pode-se observar, no decorrer desta pesquisa, que o conceito de Imaginário, tal como observado por Duby (1976), Morás (2001) e Salles (2009), ajuda a entender os Cavaleiros Templários. É percebido um conjunto de imagens, ligadas ao ideal de Cruzada, e que estrutura parte das relações sociais na sociedade medieval, até formar, não sem conflitos, a imagem de um Cavaleiro que fazia votos monásticos e que, no entanto, derramava o sangue dos infiéis.

Através da realização desta pesquisa foi possível compreender a importância do conceito de Guerra Justa, uma formulação da Igreja quanto ao uso da força. Pensava-se que a violência em si era um mal, contudo, se não houvesse esse mal, poderia existir um mal maior para os Cristãos. A “Guerra Justa”, nas Cruzadas, se associava a “Guerra Santa”. Foram examinados os fatores que desencadearam a formação da ideia de Cruzada e sua consequência: a entrada dos Cruzados na cidade de Jerusalém. Daquele momento em diante aquelas terras, assim como os peregrinos, deveriam ser protegidas. Foi debatida a existência de vários outros motivos não ligados à religiosidade, podendo ser político, financeiro, geográfico dentre outros motivos que estão ligados a Igreja Católica.

O marco destas mudanças se deu no Concílio de Clermont no ano de 1095 com o apelo a “Guerra Santa” e posteriormente com a ideologia das “Cruzadas”. Percebe-se que houve grandes mudanças a partir do sucesso das Cruzadas. A ideia de uma ordem religiosa-militar é uma dessas mudanças. Ainda seguindo esta ideia, pode-se notar que uma das grandes mudanças, ligada às Cruzadas e às Ordens Militares, foi a quebra da ideia da tri-funcionalidade (a sociedade pensada em três ordens – os que oram, os que combatem e os que trabalham). O desvio desse paradigma da tri-funcionalidade se revela na criação de ordens militares, pois esses Cavaleiros reuniam em si duas das três ideias da tri-funcionalidade que eram de orar e de combater ao mesmo tempo.

A consequência principal da ideia de Cruzada, segundo o ponto de vista deste trabalho, foi à formação da Ordem do Templo. Pode-se apontar a importância do Imaginário para sua formação, pois foi notado que algumas pessoas, como São Bernardo e Hugo de Payns mobilizaram um conjunto de imagens para amenizar as inquietações dos Templários e manter firme o propósito dos mesmos. A ideia da humildade do ofício militar e de sua

necessidade para defesa dos cristãos indefesos aponta isso. Os escritos de São Bernardo e a carta de Hugo Peccator demonstram essas imagens, as quais se ligavam a defesa da ideia de Guerra Santa. Além disso, foi possível observar a importância da Regra para que existisse um bom funcionamento da Ordem. Pois nela se encontrava todas as obrigações que os Cavaleiros deveriam seguir sem que houvesse nenhuma queixa.

O conceito de Imaginário, tal como proposto pelos autores citados no início desta conclusão se mostra pertinente na medida em que destacam como a conduta dos sujeitos históricos era determinada por um conjunto de imagens relacionadas com o ideal de Cruzada. Por outro lado, é possível perceber como essas imagens foram construídas nas relações do Papa com a nobreza e dos Templários com os homens da Igreja, favoráveis ou não ao seu exemplo. Enfim, muito há de se enfatizar sobre os Cavaleiros Templários. Contudo há muitas coisas a serem pesquisadas e aprofundadas, como por exemplo, a relação entre São Bernardo e os Cavaleiros Templários.

LISTA DE FONTE

BERNARDO DE CLARAVAL. “*De Laude Novae Militiae*”. In RAMOS, Gregório Diez (ed.). **Obras Completas de San Bernardo**, v. 02. Madric: BAC, 1953-1955: 853-881.

PECCATOR, Hugo. *Carta aos Milites Christi*. In: SALLES, Bruno Tadeu. “*Sed si non essent tecta, quid facerent laquearia picta?* Hugo Peccator, os Templários e a função da *militia* na casa de Deus”. In: **OPSIS / Revista do Departamento de História e Ciências Sociais**. vol. 9, n.13. Dossiê Campos de experiência e relações de força. Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão. Catalão, jul-dez, 2009. P. 184-189.

REGRA PRIMITIVA DA ORDEM DO TEMPLO. In: GANDRA. Manuel J. Disponível em <<http://www.webartigos.com.br>>. Acesso em 15 de maio de 2013.

REFERÊNCIAS

BARROS, José de Assunção. **O Campo da História: Especialidades e Abordagens**. 5ª Edição. Petrópolis-Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Editora DIFEL, 2002.

CORTES, Omar. **A história dos Templários**. Disponível em <<http://www.webartigos.com.br>>. Acesso em 14 de maio de 2013.

DEMURGER, Alain. **Os Cavaleiros de Cristo: as ordens militares na Idade Média** (sécs. XI-XVI). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. **Os Templários: uma cavalaria cristã na Idade Média**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.

DUBY, Georges. “História social e ideologias das sociedades”. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: Novos Problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p.130-145.

_____. **As três ordens ou o Imaginário do feudalismo**. Lisboa: Estampa, 1994

DURAND, Gilbert. **O Imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pensamentos**. Disponível em <http://pensador.uol.com.br/autor/paulo_freire/>

FLORI, Jean. **Guerra Santa: Formação da Ideia de Cruzada no Ocidente Cristão**. Campinas-São Paulo: UNICAMP, 2013.

_____ Franco Cardini____. “Guerra e Cruzada”. In: LE GOFF, Jacques & SHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**, vol. 01. São Paulo: EDUSC, 2006, p. 473-487.

_____ Jean Flori____. “Jerusalém e as Cruzadas”. In: LE GOFF, Jacques & SHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. vol. 02. São Paulo: EDUSC, 2006, 07-23.

GUREVITH, Aron I. **As categorias da Cultura Medieval**. Lisboa: editorial presença, 1991.

MORÁS, Antonio. **Os entes sobrenaturais na Idade Média**. São Paulo: Anablume, 2001.

PARTNER, Peter. **O Assassinato os Magos: Os Templários e seus mitos**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

POIREL, Dominique. Les Templiers, le diable et le chanoine: le *Sermo ad milites Templi* réattribué à Hugues de Saint-Victor. In: ELFASSIET, J. (dir). et alii. **Amicorum societas**. Mélanges offerts à François Dolbeau pour son 65^e anniversaire. Florence, 2012, p. 1-23.

SALLES, Bruno Tadeu. “*Sed si non essent tecta, quid facerent laquearia picta?* Hugo Peccator, os Templários e a função da *militia* na casa de Deus”. In: **OPSIS / Revista do Departamento de História e Ciências Sociais**. vol. 9, n.13. Dossiê Campos de experiência e relações de força. Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão. Catalão, jul-dez, 2009. p. 176-190.